

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 4 de Novembro - 1926



5 ESTOES
CORREIO
26

sempre
five semana
humorista

REDAÇÃO
RUA DA ROSA, 11

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 11



Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

J. Valença



Os ditos da semana



Agora que se voltá a falar na regulamentação do jogo, não fica mal contar duas anedotas relativas á pratica do suggestivo divertimento — que tantas vitimas tem causado, embora vitimas todos os pasatempos do mundo as dê — até as palavras cruzadas, pelos equívocos a que se prestam.

Na Figueira, estava em redor da mesa um respeitavel sacerdote.

Saiu o 7.

O nosso reverendo, mal o numero foi apregoado, cobriu com cincoenta mil réls.

O pagador observou que a importancia fóra lançada demasiadamente tarde. O sacerdote manteve o seu ponto de vista. E logo o *croupier*:

—Pago a V. Ex.^a por se tratar de uma pessoa respeitavel e que certamente não fez isso por mal...

Recebeu o ponto illustre os seus 700 escudos.

Mas logo sae o 21. E o reverendo repete, ouvido o numero, outros vinte escudos.

—Agora é que não pode ser. V. Ex.^a ouviu e jogou. Perdê-me mas vê-se que V. Ex.^a não sabe jogar.

—Não sei jogar? Ora essa! Posso garantir ao senhor que é esta a unica maneira de ganhar pela certa...

Um «ponto», pouco *habitué* e nada *eseravo* do jogo, con-



—Isto que estão a tocar é um tango charleston!... Por isso eu não percebo nada. É musica estrangeira!

tava a uns amigos o seu palpite.

—Calculem. Entrei, pensei no 13 e logo oiço: «13»! A seguir, sento-me á banca, penso no 1 e logo o homem: «1»! Isto é a confirmação de que os palpites são um facto.

Um dos ouvintes, jogador vicioso, confirma:

—É certo. Eu ontem entrei no clube, sentei-me, pensei no 36. puz o dinheiro e saí-me o 36.

Logo um terceiro:

—Foi assim, mas com uma pequena modificação na narrativa. Pensaste no 36, saí o 36, e então puzeste o dinheiro...

O padre da Figueira tinha deixado escola.



A proposito, e para acabar os ditos do jogo.

Um falecido homem de teatro entrou numa sala de jogo de uma praia—completamente vazia. Jogava-se o monte.

A um canto de uma carta existia uma coluna de moedas de prata, sem que nenhum dos jogadores, sentados á roda, a levantasse. Por traz, em pé, o nosso amigo X. espreitava.

Mais um côrte feliz, e a columna subiu de moedas. Decididamente, aquilo não tinha dono. Ou o dono se distraira, aborrecido com a *chance* tardia. Mais outro côrte, e já eram duas valiosas piramides de prata. Então o nosso homem, de pé, e com grande fleugma:

—Esse dinheiro, aos pés da dama—retira.

—Mas aquele dinheiro é meu!...—contesta um sujeito, até ali jogando silenciosamente.

—Nesse caso... retiro o que disse...



E já que acima falamos da Figueira...

Uma vez, em Lisboa, um tipo qualquer, uzeiro e vezeiro em poucas vergonhas ao jogo, encontra um sujeito, a quem uma vez fizera certa partida grossa no clube da Figueira.

Com o maior descaramento, sem pudor pela acção que cometera, e não vem para a historia, aproximou-se e cumprimentou:

—Como está o amigo Sampaio?

O Sampaio, á primeira, não acertou.

—Não se lembra de mim? Hom'essa! Veja lá bem...

Na memoria do Sampaio começou-se a fazer luz.

—Mas o senhor, de facto, conhece-me?

—Sim, senhor. Conheço-o da Figueira.

Então, o Sampaio, fazendo-se completa luz na memoria:

—Pois eu a si conheço-o... de gingeira.

Evoluções da Moda



AOs 3 ANNOS

SVANT.

VINTEANNOS DEPOIS



A miniatura grandiosa dum Genio

.801.

é o jornal de maior originalidade de Portugal

Apareceu ha dias o primeiro numero do jornal de grande informaçao que, com o nome de 801 e sob a direcção do dr. Solesticio Soares, se propõe fazer politica patriótica e republicana.

E' magnifico o seu aspecto grafico e escolhida a sua colaboração, pelo que cumprimentamos o novo colega.

O seu programa é destinado a satisfazer gregos e troianos, condunando-se perfeitamente com o titulo e com o reclame que lhe foi feito—o 801 quando nasce é para todos.

O 801, que pelos modos admite na sua redacção todos os jornalistas desempregados, vem, além do mais, resolver a situação de alguns camaradas da imprensa que presentemente lutavam com graves dificuldades, e esse titulo lhe basta para ser por todos querido e acarinhado.

Outra inovação apresenta ainda o 801 que é digna de respeito e de aplauso.

O artigo de fundo, que costuma inserir-se, por um inveterado mau habito que tem feito escola, no alto da primeira pagina, foi, como o proprio nome indica, relegado para o fundo do jornal, aparecendo ali por alturas da segunda pagina, onde se encontra no abrigo de todas as devassas e mais perto da alma da folha, dando-lhe, portanto, maior sinceridade e mais recatada prudencia, porque um orgão da imprensa não ganha nada em ter o coração ao pé da boca.

Mais outra originalidade encontramos tambem no 801. O endereço não vem, como era dos moldes antigos, por debaixo do titulo, mas ao alto da segunda pagina, para evitar que o numero da porta se confunda com o nome do estimado colega.

Apresenta ainda o 801 uma pagina grafica destinada a ser bordada a matiz, tendo merecido os maiores encomios de toda a gente o belo desenho—Sol—do titulo dessa secção, que imita admiravelmente as letras feitas de aletria e dá grandes facilidades ao trabalho do bastidor, pela sua elegancia e simplicidade.

Emfim, o 801 é um jornal inteiramente fora de todos os moldes consagrados, podendo apenas comparar-se, embora muito vagamente, com os nossos colegas 1.º de Janeiro e 5 de Outubro, pela afinidade dos numeros. Em tudo o mais, e até no facto de nascer para todos, o 801 é um jornal *sui generis*, a quem auguramos e sinceramente desejamos as maiores felicidades.



— Olha aquele aeroplano da Cruz Vermelha!...
— Então lá no ar tambem ha zaragatas?

CASAR...**CONSELHOS para todos**

Recibi, leitor gentil e desconhecido, a sua carta. E aqui estou eu atrapalhado para lhe reponder.

Pergunta-me você o que lhe aconselho: casar ou não casar?

Ora, já devia saber que é muito arriscado aconselhar alguém a que se case.

Por outro lado, porém, apesar de, para meu uso proprio, preferir o celibato—por entender que mais vale só que mesmo bem acompanhado—tambem não quero tomar a responsabilidade de lhe dizer que não dê sagrado nó, que poderá ser para si—quem sabe? ás vezes ha destas surpresas!—a maior felicidade da vida.

* * *

Não me dá você nenhuns elementos sobre a sua pessoa, nem sobre a pessoa que lhe faz andar a cabeça á roda. De modo que me obriga a lançar-me no mundo das hipoteses, procurando para elas a justa solução.

* * *

Primeiro caso:

Você tem vinte e cinco anos. E' loiro. Tem saude, e só a carteira, sobre o coração, lhe altera um pouco as pulsações, pela abundancia de cautelas de prego.

Ela é uma rapariga nova, rica, educada, inteligente. Usa o cabelo á garçonne, monta cavalos, joga o tennis, caça...

Você casa com ela. Por decoro proprio, assegura para si uma existencia despreocupada no futuro.

Você—que é um rapaz moderno—tem muitas probabilidades de ser feliz. E se o não fór, estão ambos em muito boa idade para se divorciar...

* * *

As suas características permanecem. As dela é que mudam. Trata-se duma velha rica—porque t.º acredita, mesmo sem o conhecer, que você, neste tempo, pense em casar com uma mulher que não seja rica.

Você cultiva-lhe a amizade. Se puder, consegue mesmo que ela lh'a

prove de certa maneira. Mas faz todo o possivel por não casar...

Admira-se deste conselho, com certeza, porque a maior parte dos homens vivem hoje em busca desse ideal da velha rica.

Mas, creia que sou seu amigo, dando-lhe este conselho.

Uma velha rica é para um rapaz pobre o pior dos pesadelos. Tem um ciúme permanente que lhe é tão natural como as rugas. Prefere uns divertimentos que já não estão na moda, nem no nosso gosto. Se reagimos, atira-nos á cara com o seu dinheiro. Se insistimos, arranja um processo de passar a sua herança a terceiros. Junte a isto o inevitavel reumatico, os dentes posticos, a rabujice—e verá como sai cara uma aventura dessa natureza.

* * *

Invertamos agora as situações:

Você é um rapaz rico.

Se ela é pobre o educada—case, porque pode ter quasi a certeza de que se não arrepende.

Se ela é rica e tem a mania dos sports, tome cautela, antes de se resolver, não vá ela enganá-lo por sport. Mas, depois de a conhecer bem, não ha grande perigo em ligarem-se á face da lei. E' questão de a acompanhar, de manter o seu prestigio de homem em todas as situações—e de não levar amigos a sua casa.

A hipotesis dela ser velha—mesmo rica—está, neste caso, naturalmente posta de parte.

* * *

Resta ainda outra situação—que oxalá não seja a sua:

Você é rico—mas velho.

Soluções:

Se ela é nova—case-se...

Se ela é velha o rica—aconselhe-a que procure um novo...

De qualquer das maneiras, conseguirá reunir o agradável para si e o util para outro ou outros...

Um como ha muitos.



— Que levas ahí nessa bagagem toda?
— Vinte escudos que me deram agora de troco, em moedas de cobre, nickel e cupro-nickel.

NO JARDIM ZOOLOGICO

O conto do vigario do elefante e o homem
sucesso duma macaca elegante

O Jardim Zoologico, ao domingo, é como o Rossio em dia de festa. Encontra-se de tudo. Muitas meninas, que junto das gaiolas dos macacos aprendem as caricias mais ardentes do namoro. Elefantes volumosos, como damas rotundas, que farejam o transeunte sob as vistas pacientes do cornaca maridado. Sopeiras, livres uma vez por semana e que, quasi sempre, no fim de nove meses, estão ocupadas. Alguns amigos, nos antropopitecos africanos, que nos levam a pensar na miseria do homem em relação ao seu semelhante enjaulado.

Ha, pois, muito que admirar e compreender. Na gaiola da familia Papião, casal africano, encontramos um chimpanzézinho de veras gracioso e galante. Como não tenho lido o *Diario Mundano* dos jornais, desconhecia o bem sucesso da macaca-mamá, que se encontra de perfeita saude. Come pevides, como um frequentador da explanada do Parque Mayer. O criancão já guincha e namora descaradamente as senhoras que o visitam, classificando-o de amorzinho. Papião pai é mais severo. Tolera as senhoras mas não admito brincadeiras a todos os homens, naturalmente porque duvida que o sejam.

Ao lado da familia Papião, bem instalada, existe a grande gaiola da macacaria, verdadeira gloria nacional, onde reina o chinfrim e a tapona. Os animais andam como Adão e Eva, no Paraizo. Mostram sem reboço o que a natureza lhes deu. As senhoras gostam de admirar aquele vivo museu de historia natural—fazendo atiladas comparações, que não saem do seu fóro intimo. Depois dos macacos, os elefantes. Estão muito bem amestrados. Ensinaram-lhes com muita



proficiencia o conto do vigario. Provinciano que pare em frente da palçada é despojado de todas as cedulas. Os proboscideos estendem a mangueira, como qualquer de nós, chegam mesmo a metê-la dentro dos bolsos. Como não ha um tribunal de pequenos delitos para os animais—estes roubos ficam impunes. Ha um tratador de elefantes que já mandou construir um predio nas avenidas novas... Seguimos para os hipopotamos. A entrada do Jardim pagamos para vêr todos os animais, sem distincão nem categorias.

Como sabem, um dos hipopotamos chama-se Venus, mas é feio como uma sogra. Tem uma boarrra extravagante e pouco delicada como qualquer cricamentario publico. O empregado que trata do bicho resolveu tambem fazer fortuna. Submergiu-o de verão e de inverno na agua dum acanhado lago. Quem quizer vêr o animal meto empenhos e uma choruda gorgeta na mão do empregado, que está, com grave risco da sciencia, transformando o importante aulfibio numa vulgar enguia de agua doce. Lá em cima estão os animais ferozes. O leão dorme, o urso passeia e o lobo esgaravata o cimento. Tem por nós um altivo desprezo. Este sentimento ditatorial, mussolinesco, valer-lhes-hia algumas tarefas se o primeiro não fosse o rei da criação; o segundo parecido com um cordeiro, quando lhe veste a pele—o que é só das fabulas. Os tigres fazem-se invejar pela pele e parecem esperar dentro em breve ter um jantar de *razot* de homem, o que é batante alimenticio no dizer de alguns pretos antropofagos.

Ha ainda a foca, submarino de que raro vêr o periscópio do feinhão; algumas galinhas transformadas em aguias e alguns galos sem galinhas que se contentam em vêr as que passam, de aza caída, ao lado dos galuchos.

José Mamífero.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A FESTA de Lucinda teve interesse. Foi digna. No acto de homenagem viam-se no palco muitos artistas, quasi todos os artistas. L. P., do Nacional, apresentava uma máscara cezariana. Estava galante e fatal. Quando a pianista da companhia L. S.-F. B. tocou, inspiradamente, uma das suas peças musicais—L. P. estava em *recreio*.

Um espectador:
—Então ele também entende de musica?

—Finge que entende, mas não o diz a ninguém. E' como os papeis, não es gosta de dizer, para não comprometer os colegas.

■ ■ ■

PARTE da companhia de revista do T. V. vai para o Porto, na segunda quinzena deste mês. Esperamos que o conhecido C. L., que gosta tanto de salvar os colegas e as empresas—salve o negocio!

■ ■ ■

A CONSAGRAÇÃO de Lucinda teve aspectos curiosos. A actriz E. L. amou um pouco. Talvez tivesse as suas razões. A. A. teve um gesto teatral, excessivo. Ajoelhou aos pés da consagrada—quando ambas estão á mesma altura de talento e de gloria. O velho actor A. M. recitou, como sempre, as *Pombas*. O artista V. S., quando appareceu, foi saudado com amáveis sorrisos. Já se sabia ao quão ia—uma imitação de Chaby, no *Conde Barão*. Embora estas surpresas fossem conhecidas, o espectáculo agradou.

■ ■ ■

VIVEMOS muito tranquilos. Embora a nossa pena não seja das piores

para o ataque, transformamo-la quasi sempre em inofensivo alfinete. Mas se fôr preciso, voltamos aos tempos do estadulho.

Recomendamos, portanto, aos *bons amigos* calma, serenidade. Sobretudo paz! Se não temos o caldo estornado...

Não seria melhor agradecer a nossa discrição quando ha tanta coisa, tanta para contar. *A bon entendeur...*

■ ■ ■

CONSTA que o empresario J. C. prepara uma conferencia sobre sindicalização e regalias dos artistas.

Eis o que se chama regressar aos antigos tempos...

■ ■ ■

O erudito e elegante critico dr. J. F., que se costuma aposentar em Vila do Conde, desceu do norte á capital só para glorificar os sessenta anos de teatro da interprete do *Demi-Monde*. Vimo-lo risonho, corado, atencioso, como sempre.

Pergunta dum artista:
—Onde vai ele buscar aquela delicadeza?

Responde outro:
—Não vivendo comnoso! E' a unica maneira de se não perder.

■ ■ ■

A PROPOSITO da *Triste Fcia*, diz o critico do jornal *O Seculo* que a protagonista não quiz justificar o apelo da peça.

E' natural e deculpavel. Ainda está para nascer a primeira mulher que não queira ser bonita!

■ ■ ■

COM uma artista de comedia:
—Que idade tem?
—Vinte e três anos.

—Mas o ano passado tinha vinte e quatro?!
—Ah! sim!... Como tenho menos um ano a viver—*suprimo-o!*

■ ■ ■

O ACTO de consagração de Lucinda durou, pelo menos, duas horas. Ao principio, o trôno das mulheres do teatro estava com gosto, fascinante. Mas depois a fadiga apertou. A madrugada começou a empalidecer algumas belezas *maquillées* a alterar a virtude elegante dumas tantas casacas. Por fim, estava tudo cansado—consagrado, definitivamente, a um sono tenaz e invencivel!

■ ■ ■

O TEATRO, no estrangeiro. Anodota:

O empresario S. D. está no seu escritorio, tratando de organizar uma companhia. A certa altura, entra uma actriz de diminuta categoria, que pede para ingressar no elenco que se está formando.

—Não posso! Todos os lugares estão occupados.

A actriz envolve o empresario num sorriso perturbante, fatal e promettedor, e diz-lhe felinamente ao ouvido:
—Entrada por entrada!

■ ■ ■

O TRINDADE, no dia 28, estava cheio de gente. Na sala dos espectadores e nos bastidores. S. D., galã de talho britânico, insurgiu-se contra a ausencia do ministro da instrução.

—E' uma falta imperdoavel!
—O' homem? Não sabes que eles estão em dictadura!

■ ■ ■

NO dia da festa de Lucinda, o actor E. B. sofreu um grave prejuizo. O

seu automovel chocou com outro e ficou muito avariado.

Aquele actor, consolando-se:
—Não quererá o destino que eu seja um bom genro?

■ ■ ■

CONSTA que certo actor vai interpretar brevemente um papel intitulado—*a «Carta Anonima»*.

Felizmento que já descobrimos quem é!...

■ ■ ■

O T. N. abriu as suas portas com o *Paralítico*.

O titulo, embora tragico, não é um simbolo. Quando muito, uma doença teatral que um bom medico como A. da C. curará depressa.

Temos essa esperança!

■ ■ ■

FALA-SE de cães, autenticos, diga-se já:

Um conheci-o artista português elogia as qualidades do inteligente animal domestico.

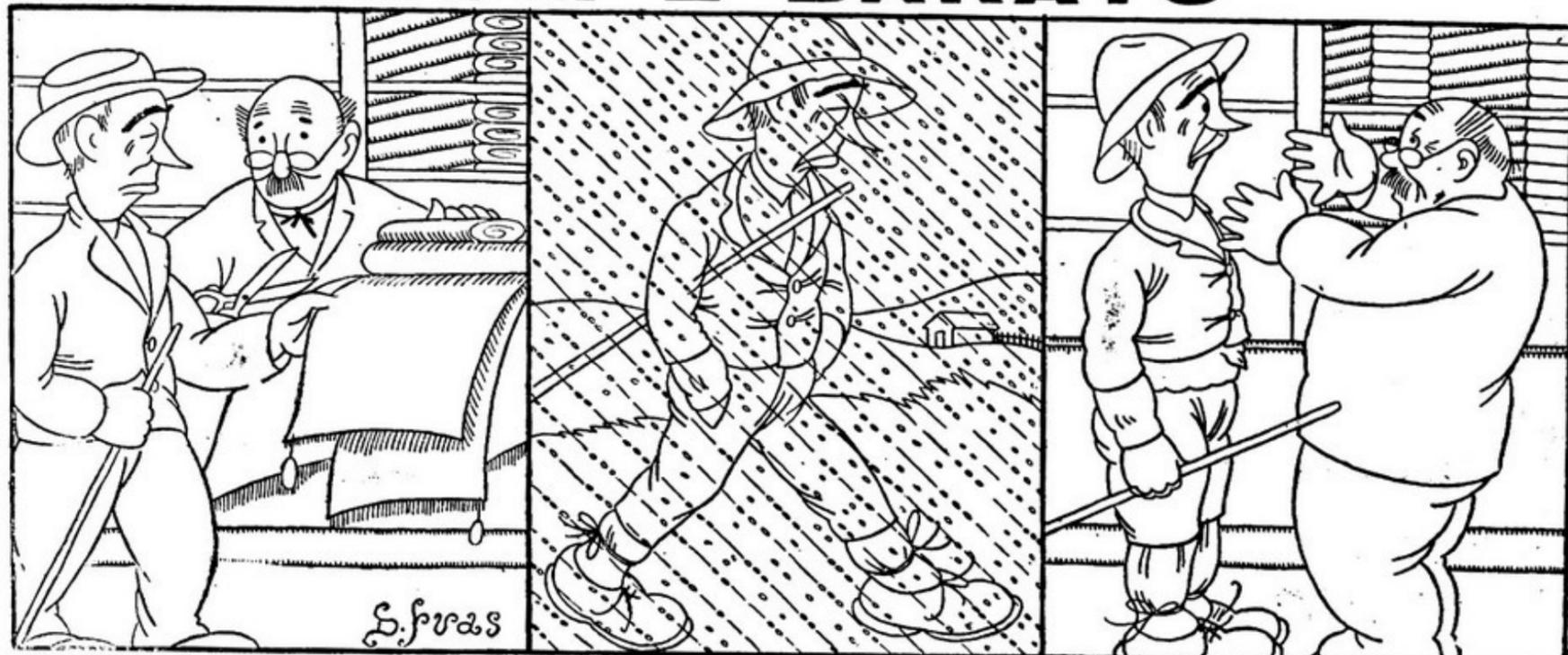
—Ontem, domingo, fui dar um passeio, mas não quiz levar o *Mondego*. Reccei os automoveis. Sabem o que fez o cão? Partiu a corrente, saltou o muro do quintal, internou-se na estrada e andou dois quilometros, procurando, farejando, até me encontrar.

Um silencio de espanto succedeu á narração desta prodigiosa façanha. Houve, porém, um incredulo que formulou explicações, tendo esta pergunta original:

—Ha quanto tempo é que você se não lava?!

O Homem das 5 horas

BOM E BARATO



O tio Zé do Enguiço precisou dum fato. Para o servir, ninguém melhor indicado que o compadre Zé da Loja...

Ora para favores, não ha como os compadres. O fato do Zé do Enguiço á primeira chuvada encolheu como uma tripa...

O Zé da Loja é um grande espertalhão. Quando o Zé do Enguiço lhe appareceu, exclamou logo: —O' compadre, como crescestes. Nem o fato te servel...

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado de Santo Amaro
Mote

Santo Amaro canta o fado
com um ar todo magano
desde quando havia gado
que puchara o americano.

Glosas

Um dia apar'ceu o Chora
em concorrência á Carris.
Toda a gente era feliz
por correr, cidade fora,
baratinho, a toda a hora.
Mas o Zé que é malfadado
foi um dia espoliado
do tul Chora de vintem...
Hoje, então, como ninguém
Santo Amaro canta o fado.

Santo Amaro teve a idcia
de, com ronha e artimanha,
tal e qual como uma aranha,
tecer uma grande teia
por onde o «trolley» passela,
a girar durante o ano,
e onde o guarda-freio insano,
mal que rompe a manhãzinha,
bate o pé na campainha
com um ar todo magano.

Bom tempo do sota grulha
que praguejava ás muares
e, co'o chicote nos ares,
depois de fazer a agulha,
ia a pé pela Pampulha
sempre das bestas ao lado...
Hoje tudo está mudado
e se eu tivesse memoria
da tracção fazia a historia
desde quando havia gado.

Por razões especiais,
Santo Amaro bate o fado,
hoje, no pobre costado
dos miudos dos jornais;
pois tal qual nos canibais
o condutor deshumano
armou agora em tirano
pela forma mais atrás,
propria dum neto d'avós
que puchava o americano.

Reporter B.

No proximo numero :

A GUITARRA

Glosas de um mote autografo de RUI
CHIANCA

A passagem de Marte



—Aquele terra não me deixa estar
um minuto descansado! Lá está ela
outra vez a chamar por mim...



MORTOS, DE PEI

Naquela Boa-Hora em que domina
A mascara sinistra da tragedia,
E onde a Justiça, á noile, se ilumina
Ainda com dois côtos de stearina,
Dão-se ás vezes passagens de comedia.
Como andem os juizes apostados
Em vêr qual tem uma alma mais tigrina,
E os jurados que faltam são tratados
Com mais rigor que os proprios sclerados
E o batalhão das pégas de rapina,
Como ha dias, e á hora da chamada,
Um membro desse juri não comparecesse,
—E essa falta não foi justificada,—
O juiz, numa rapida penada,
Mandou que se multasse e se prendesse;
E como co'o papel da contra-fé
O reu se não conforme ou não se importe,
O integro juiz fungou rapé,
Foi-lhe dobrando a pena, e foi até
A' perfeição de o condenar á morte.
Os feros beaguins por ele vão,
Co'uma furia de peitos inhumanos;
E ao voltarem depois, se soube então
Que o reu não comparecera p'la razão
De ter morrido ha mais de treze anos!
Na boca do juiz pronto diviso
A um rictus mau que as comissuras vinca:
«—Foi o que te valeu! — diz num sorriso,—
Responderás em Dia de Juizo!»
Caramba, co'a Justiça não se brinca!

João Fernandes.

A NOVELA DO "FIXE"

Historia furta-côres

A senhora Dona Aurora era uma
velhota que foi regente da Escola das
Pupilas do Olho do Boi, na Outra
Banda, estando agora reformada pela
idade e bons serviços á causa.

Vivia em Lisboa, num quarto alu-
gado e, naquela tarde de sol, quinta-
feira de Espiga, resolveu ir colher o
ramito tradicional, para pôr em ci-
ma da comoda.

Quando descia a escada, topou com
a visinha do primeiro andar, a se-
nhora Regina, uma velhota que não
gramava isto, segundo ela dizia, e,
por tal, apesar de não simpatizar
com a Aurora, sempre palestrava
com ela na melhor harmonia.

—Então, aonde vai, Dona Regina?
—disse a Aurora.

—Ora aonde vou?... Vou á Espiga.
—Tem graça! Também me lembrou
deste dia e, se m'o tem dito ontem,
talvez a acompanhasse. Gosto imenso
do ter sempre um ramito de espigas
e papoilas nestas alturas. As côres
casam-se muito bem...

—Sim? Pois olhe: é pena que não
haja papoilas azues e espigas bran-
cas...

—Final, a Dona Regina sempre
me convenceu... Sem querer, cá ve-
nho comsigo á espiga... Aqui nestas
alturas deve havê-las bem bonitas...
—disse a Aurora.

A Dona Regina, neste momento,
entrou a matar e atirou-lhe com esta:

—Olhe, Dona Aurora, ha muito
tempo que cá não venho, mas lembro-
me que ha anos apanhei aqui uma
espiga linda e tão grande que ainda,
por recordação, a conservo sêca... é
uma papoila, que belal... Tenho-a
guardada entre as folhas de um li-
vro... Pena é que debotasse...

A Aurora não se pôde reprimir o
saltou-lhe:

—Olhe, Dona Regina, se isso é pia-
da aos meus ideais, fique sabendo que
o verde da espiga e o encarnado da
papoila casam-se admiravelmente. E,
demais, lembre-se que, as duas jun-
tas, são o simbolo da creença de que
não nos faltará o pão todo o ano.

—Mas que pão!—diz a Regina.—
Um pão feito com toda a porcaria.
Se até o fazem com alfarroba, que
se dava antigamente aos macacos do
Jardim.

—Mas come-se, disse a Aurora.
—Ai, não!... Que o diga a visinha.
Ainda na segunda-feira, quando não
havia pão, a Dona Aurora me foi po-
dir uma fatiasinha, lembra-se?... Se
o caso se repetir, já sei o que lhe hei
de dizer.

—O quê?! E' capaz de m'o negar?
—Não senhora—respondeu a Regi-
na.—Mas hei de dizer-lhe assim lá
baixo: O' Aurora, queres mais alfar-
roba?... Toma!...

—Sua malcreada! — diz-lhe a Au-
rora.

—Sua pedreira livre!—diz a Regi-
na.—A querer convencer-me que o
verde e encarnado são mais lindas cô-
res que o azul e branco!... Olhe, nas
lanternas dos comboios, o verde é pa-
ra andar e o encarnado para parar...
Por isso é que isto tudo faz que anda
mas não anda... Olhe para o céu, se-
nhora Aurora. Olhe para o céu... Lá
está a linda côr azul junto ao bran-
co das nuvens, simbolo da pureza...

—Ah! sim? Olhe para o chão—diz-
lhe a Aurora—lá está o verde da es-
piga e o encarnado da papoila, sim-
bolo da fecundidade da terra!...

—Ora deixe-se de fecundidades,—
diz-lhe a Aurora.—Verdes são os pe-
pinos e encarnados os tomates...

Nesta altura, a Aurora não pôde
resistir e pregou-lhe com o sacco das
chaves nas ventas, ali, no mesmo lo-
cal das antigas lutas por um grande
ideal.

Rasgaram-se, morderam-se e, de-
pois, cada qual foi para o seu lado,
mas, quando a Regina ia já longe,
ainda se ouvia a voz ameaçadora da
Regina, a dizer para a Aurora:

—Olha, na segunda-feira, se te es-
queceres do pão, vem ter comigo...
Queres mais alfarroba?...

Reporter B.

BARBOSIADAS

O PRATO DE SONHOS

33.º sonho

o de Guilherme Pereira
de Carvalho

Contou-me, em certo dia, o captivante
e bom amigo Pereira de Carvalho
que, estando de repouso num tanto fado
por ir num Bignan Sport 'tê Amaraute,

Sentou que era um grande cartomante
e que se consultara p'lo baralho
para vêr se o futuro era um 'spantalhe
ou se de serviria triunfante.

Sicam 'spalho.—Foge do perigo...
A dama d'ouros.—Um amor sem fim!...
Copas... mais copas.—Muito bom amigo...

Este o 'Jacko.—Um negocio ruim?!...
...o amigo Zé Barbosa, só te digo
que o sonho não foi novo, para mim...

34.º sonho

o de Nogueira de Brito

O' Nogueira de Brito, mal acordes
e deizes de sonhar co'a Humanidade,
v'ás que ela já vem da antiguidade
com todo o Egoísmo e seus accordes.

A vida está para os Jeans Gras e Fordes
e a idealizada Igualdade
nem com a tua enorme habilidade
nos podes comparar a quaisquer's Lordes.

E a sua pena na incessante lida
dum sonho belo queu m bom sôno deu
a alma pôs-lhe mais desiludida...

Porque, afinal de contas, só escreveu
para a BATALHA Imensa desta Vida
na qual sempre o estomago venceu!...

O' Mãe Cristo Neto.

PERFIS POPULARES ALFACINHAS

Quem será o ressuscitado?

Tu Monaco, aonde na humbreira
da porta viveu anos encostado,
nadou-se, em certo dia, p'r'ó Chiado
e fez o seu quartel na Brasileira.

Ali, na mais amena cavagueira,
a quem quizer passar um bom bocado,
d', com o seu saber de iluminado,
ironicos conselhos de cadeira.

Na coiza d'arte, escarpelosamente,
as lhas perdôa a directriz errada
com mais de um argumento convincent:

E com a voz que tem, tão bem timbrada,
demonstra o seu valor de inteligente
que o é, mas... não o foi numa Tourada...

Reporter B.

Giria moderna



—Porque lhes chamam Citroën?!...
—Porque fazem todo o serviço por
pouco dinheiro.



No domingo passado andou mais uma vez a roda para a grande loteria do campeonato de foot-ball de Lisboa. Saíram premiadas: o Vitoria, o Caracavelinhos, o Belenenses e o Sporting.

Este ultimo obteve o maior premio numerico desta epoca:—4 a 0. Em todo o caso, bem será não esquecer aquela quadra popular que diz.

*Quem tem rédes a guardar
não via das acabuzadas...
Que as rédes do União
não nasceram já furadas...*

O jogo de cartaz, no domingo, era o Caracavelinhos-Bemfica, nas Amoreiras, tendo como lever de rideau: Vitoria contra Casa Pia. Obdecendo á moda actual, foi o programa ampliado com a surpresa dum fin de fiesta, em que a Guarda Republicana se houve a capricho e com um entrain endiabrado.

Nas três horas que duraram os dois desafios foram marcadas nada menos de cinco grandes penalidades. Mas apesar desta larga applicação do conhecido principio dos penaltys em vultos communicantes — nem um só foi transformado em goal!

O record individual foi batido por Joaquim Ferreira, marcando para fora duas grandes penalidades. E a proposito desta proeza do novo jogador do Vitoria, diremos que o novo jogador casapiano Balbino andou longe de evidenciar-se, e que no Bemfica o seu novo player Tamaqueiro foi o maior furo da linha média.

Desde se concluo que as nossas estretas de foot-ball tem uma notavel tendencia para aerolitos. Onde cáem, fazem logo um buraco...

Mais uma historia dos policas anti-automobilistas—a juntar ás que já contamos.

Um torpedo desce, devagar, a ru do Mundo. Um agente da fiscalização de transito detem-no e afirma que o carro ultrapassara a velocidade maxima autorizada. O chauffeur, que tem a certeza da innocencia, procura persuadir a fera de que não cometeu a apontada falta.

A discussão prolonga-se. E, naturalmente, forma-se um grupo em volta do carro. Ao fim de alguns minutos, o numero de curiosos ultrapassa o meio cento.

Então, para acabar com o incidente, o policia toma uma resclução:

—Bem... Por esta vez, vá-se embora. Mas já! Senão multo-o por estar causando um apinhamento na via publica!

Uma entrevista que Silvestre Romaninho concedeu ao Sport de Lisboa sobre o collegio de arbitros da Associação do Foot-ball de Lisboa, teve o condão de irritar a tel pente os indigenas dirigentes que não ha barometro que resista ao temporal de cartas, entrevistas e respostas.

Uma das mais notaveis consequen-

A ESPIGA DO FOOT-BALL

(Musica da «Espiga» do «Cabaz de Morangos»)

*Oh! Ih! Oh! Ai!
Olvidam-se as desventuras
Nestes domingos formosos
Nestes domingos de sol
Oh! Ih! Oh! Ai!
Vão milhares de criaturas,
Vão milhares de «furiosos»
Para vêr o «foot-ball».*

*Veem carros a granel,
Automoveis, gente a pé.
Já s'ouve ao longe o banzé,
E' medonho o aranzel.*

*Andam pregões pelo ar
«—Pr'a geral mais um coróa :»
E mais de meia Lisboa
Vai entran...o a murmurar .*

*Barão! São teus pés dois alcajruzes!
Barão! Tens uns ares de conselheiro!
Só te peço que da gente não abuses,
Extorquindo p'los bilhetes tal dinheiro!*

Zé Maria.

cias da entrevista foi o pedido de demissão do lugar do director do Sport de Lisboa, apresentado por Felix Bermudes.

O conhecido farsógrafo—que, como e do dominio publico, tem graça ás pilhas—resolveu não achar graça nenhuma ao facto do jornal do que era director in nomine inserir um ata-

que ao collegio de arbitros, do que é tambem presidente. Ao que consta, ter-se-hia travado entre ele o uma pessoa intimamente ligada ao jornal o dialogo que segue:

«—Os senhores não deviam ignorar que eu sou o presidente do collegio...»

«—Mas não ignoramos... Supuse-

mos apenas que V. Ex.^a era tão presidente do collegio como tem sido director do Sport de Lisboa.»

«—Pensaram mal. De resto, o periodico está tomando uma feição combativa que me não convém, porque eu sou um homem publico. E amanhã, os atacados, podem ir ao teatro deitar-me as peças abaixo!

Sob o titulo *Divulgação das leis*, escreveu Ribeiro dos Reis, no ultimo numero de *Os Sports Illustrados*, seis columnas de palpitante interesse. E, dissecando, aos olhos do publico profano, a regra subtil do off-side, o illustre tecnico hors-classe dissipou-lhe quaisquer duvidas, com uma vastidão de considerações—profundas e definitivas.

«—Não ha tambem «off-side» na marcação do pontapé de canto («corner»)»—elucida Ribeiro dos Reis.

E nós, na nossa ingenuidade de leigos, supúnhamos isso de uma evidencia fulgurante, uma vez que no texto inglês se encontra, em certa altura, que:—*Se um jogador estiver na linha da bola ou atrás dela não poderá nunca estar deslocado.*

Mas, tratava-se apenas duma suposição leiga...

Porque o Mestre esclarece-nos, afirmando que:

«—Não ha tambem «off-side» na marcação de pontapé de canto («corner») porque o objectivo é receber a bola enviada do canto e introduzi-la nas rédes.»

Passaremos, pois, a considerar as deslocções divididas em duas especies:

O off-side com objectivo—o off-side sem objectivo nenhum, a que tambem poderá chamar-se o off-side borboleta...

Segundo uma sensacional entrevista concedida á *Sporting* por Hludio Nogueira, os arbitros lisboetas de foot-ball querem receber dinheiro, e ameaçam ir até á greve como qualquer classe, se a A. F. L. não atender as suas reclamações.

Uma das bass que servirá para fixar o ordenado será, conforme diz Hludio, a antiguidade do juiz.

Ha poucas semanas apresentámos nós, nestas mesmas columnas, um projecto de largas vistas sobre a divisão dos arbitros em categorias, segundo o seu valor. Mas não nos repugna aceitar um outro que, baseando-se nas antiguidades, estabeleça postos e promoções, como na tropa.

Teremos assim: arbitros aspirantes, arbitros alferes, arbitros tenentes, etc...

E se isto não fôr tudo para o maior, esperamos ainda vêr Pedro del Negro marcialmente fardado de marechal-general, com a comenda do off-side, e o grande colar das infracções á lei nóna...



1926 — O vencedor de todos os campeões

Rebola-A-Bola.

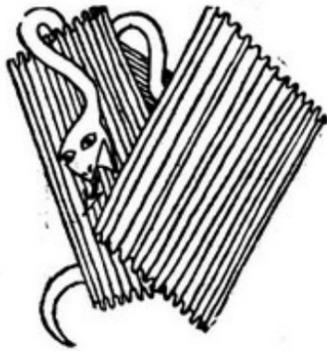
A MENINA SERPENTE

[Historia para meudos por Almada-Negreiros]
(CONTINUAÇÃO)



34

Foi ele proprio ensinar a poisada da terrivel menina serpente.



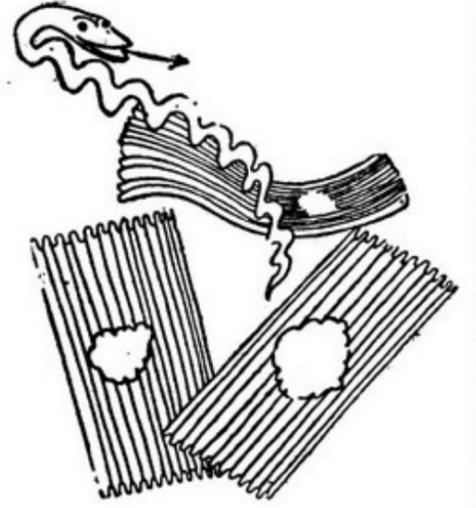
36

Porém, em vez de gente para matar, a autoridade deu de cara com uma serpente deslizando pela frontaria do edificio. como uma interrogação de espanto e de inocencia. A cobra tinha medo que tivessem tanto medo dela.



38

Porém, de longe, utilizou-se da invenção da espingarda, que, como sempre, cumpria o seu dever de ironia cruel e sinistra.



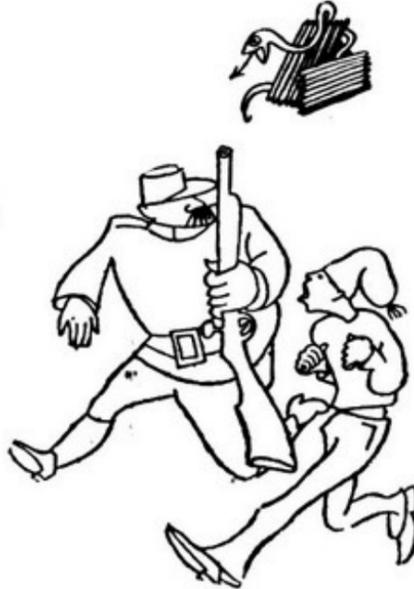
40

E a posição atacada ficou furada em todas as paredes da sua construção.



35

A autoridade, como lhe competia, foi á frente para o ataque á posição.



37

Mais pelo inesperado do que pelo medo, a autoridade perdeu o animo e recuou grandemente. Tinha morto muitos homens, mas a serpente era para ele um misterio ainda maior que a interrogação da morte.



39

Foi um tiro estupendo com coice e tudo. Produziu-se um alarme em toda a vila, um alarme redondo, que cresceu e se perdeu.



41

Ambos foram pessoalmente verificar os estragos materiais abandonados pelo inimigo.

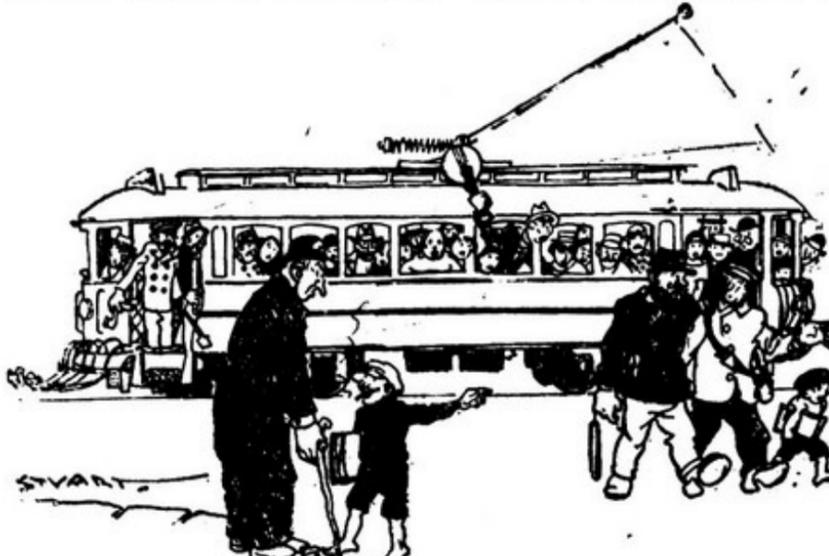
(Continua).

MULHERES DE HOJE



—O que é isso, homem! Nesse traje?...
—Calcula que minha mulher levou-me para a rua o chapéu, a pasta e a badana. Como não posso faltar á repartição, tive que vir assim.

HIDROFOBIA ELECTRICA



—O que foi, a sempre fixe?...
—Foi aquele condutor que mordeu nas canelas do "Marrequina do Rocio". Se calhar está danado e o policia leva o "gajo" para a Veterinaria.

HOMENS DE ONTEM



—Maldita chuva;
—Então, filho, a chuva é necessaria á agricultura.
—Pois sim, mas eu não sou dos que cultivam nabos nas costas!...



---O' senhor, desembuche! Declare-se!
---Minha senhora; não posso! Não me chega a lingua.



Ora até que enfim! Felizmente... já chove!



Amada
26

A banda de baixo de uma banda, da outra banda, que anda afinando a pancadaria para pôr a cara á banda, ás bandas das outras bandas